

## VARIÁVEIS ESTRUTURAIS: EFEITOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL DO PORTUGUÊS FALADO EM SALVADOR

*Constância Maria Borges de SOUZA*  
*Universidade do Estado da Bahia*  
*csouza@uneb.br*

**RESUMO:** A sociolinguística variacionista é utilizada neste trabalho para explicar a variação na concordância verbal no português falado em Salvador. Foram analisados fatores linguísticos (internos à língua) e fatores sociais (externos à língua) e, na observação da interação desses fatores, verificou-se de que modo eles condicionam a presença ou ausência de marcas flexionais no verbo. Destacamos a análise das variáveis *Realização e Posição do Sujeito*, *Concordância Nominal no Sujeito* e *Saliência Fônica*. Estas variáveis, selecionadas em todas as rodadas, foram as que mais contribuíram para a aplicação da concordância verbal, mais com os falantes mais escolarizados e menos com falantes das camadas populares. Neste estudo, analisa-se uma amostra constituída de inquéritos extraídos do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP/SSA) e inquéritos extraídos do Projeto Norma Urbana Culta de Salvador (NURC). A concordância verbal é uma regra variável com grande ausência de marcas na fala popular, sendo marcada pelos falantes cultos em razão da pressão escolar e exigência do mercado ocupacional. Esta pesquisa tomou como embasamento teórico a teoria da variação, segundo Labov (1972, 1982, 1994), e o conceito de transmissão linguística irregular, postulado por Lucchesi (2000 e 2001) que considera o português brasileiro plural e polarizado, resultado do processo de transmissão irregular desencadeado pelo contato entre línguas, sendo a ação dos aloglotas adultos determinante para alterar a estrutura morfossintática da língua adquirida. A formação sócio-histórica da língua no Brasil é um processo constituído por duas grandes vertentes linguísticas (uma culta e outra popular). Constatou-se que o português brasileiro foi formado em um ambiente cuja realidade linguística estabeleceu o uso de duas normas: uma utilizada pelos falantes cultos (a norma culta) e outra utilizada pela camada popular (a norma popular ou vernácula). O contato linguístico foi determinante nas alterações sofridas pelo português adquirido por índios aculturados e africanos escravizados. Essas modificações foram se sedimentando nas variedades defectivas do português que foi transmitido para os descendentes desses falantes. A língua aprendida de forma simplificada, em decorrência do processo de transmissão linguística irregular, determinou o surgimento de uma variedade linguística com simplificação morfológica observada, principalmente, na concordância do verbo com seu sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português brasileiro, Contato entre línguas, Transmissão linguística irregular, Mudança linguística, Concordância verbal.

### 1. INTRODUÇÃO

A língua portuguesa no Brasil se formou em um cenário polarizado, tendo como antecedente histórico, de um lado, variedades do português empregadas pelas elites coloniais e do Império e, por outro lado, outras variedades do português brasileiro, mais diretamente determinadas pelo contato entre línguas, dividindo linguisticamente o país em dois. O contato linguístico foi determinante nas alterações sofridas pelo português adquirido por índios

aculturados e africanos escravizados. Essas modificações foram se sedimentando nas variedades defectivas do português que foi transmitido para os descendentes desses falantes. A língua aprendida de forma simplificada, em decorrência do processo de transmissão linguística irregular, determinou o surgimento de uma variedade linguística com simplificação morfológica observada, principalmente, na concordância do verbo com seu sujeito.

Análises de processos de variação, tanto na norma culta quanto na norma popular, com base na Sociolinguística Variacionista, explicam a variação na concordância verbal junto à 3ª pessoa no português falado em Salvador. Neste trabalho são observados de que modo os fatores linguísticos *Realização e Posição do Sujeito*, *Concordância Nominal no Sujeito* e *Saliência Fônica* interferem na aplicação da regra de concordância verbal pelos falantes de Salvador.

## 2. O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para se traçar a história do português brasileiro é necessário se reconstruir o processo de convivência que o português teve aqui no Brasil. A caracterização sócio-histórica da realidade linguística brasileira chama a atenção de estudiosos como Mendonça (1933), Raimundo (1933) e Coelho (1967) há mais de cem anos. Silva Neto (1988) afirma que a presença dos portugueses em várias regiões brasileiras foi determinando o tipo de influência transmitida para a fala na região onde eles se instalavam de acordo com suas atividades de colonizadores. Elia (1979) destaca uma língua padrão brasileira dentre os fatos de cultura do país. Cunha (1972), discordando de Elia, afirma que datam do século XIII os primeiros documentos redigidos em galego-português. Sodré (1960) admite que a língua portuguesa do Brasil tem suas características embasadas no passado colonial, quando no Brasil a língua dominante era a língua dos índios – a língua geral.

Melo (1971) refere-se ao português popular do Brasil como um português arcaico e deformado, tendo sofrido influência dos índios e dos negros na morfologia e na fonética. Para Câmara Jr. (1972), as línguas indígenas pouco interferiram no PB, deixando vestígios apenas nos empréstimos lexicais que se adaptaram à fonologia e morfologia do português. Naro e Scherre (1993) defendem que o português brasileiro tenha se formado seguindo naturalmente uma deriva prevista na língua e que as mudanças observadas já estariam prefiguradas ao longo dos séculos no sistema linguístico do português.

A complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial é a base para a formação do Português Brasileiro, segundo Mattos e Silva (1995). Para a autora, “a história de uma língua realmente se esclarece pela história social e política do povo que usa essa língua”. Gregory Guy (1981) defende que o Português Popular Brasileiro (PPB) é resultante de um processo prévio de criouliização (século XVII) seguido de um processo posterior de descriouliização enquanto Lobo (1994) destaca que o português do Brasil, face ao português europeu, tem sido objeto de interpretações controversas, em virtude da sua condição de língua transplantada. Lobo acredita que a tese da deriva e da transmissão linguística irregular só poderiam se legitimar se fossem baseadas em uma sistemática verificação empírica dos dados linguísticos, o que afirma não ter ocorrido.

## 3. O contato linguístico

Com o sistema de capitanias hereditárias, a colonização portuguesa se iniciou no Brasil, em 1532, pelo litoral. Os contatos iniciais entre os índios brasileiros e os colonizadores portugueses foram se estreitando com a continuidade, a ponto de os brancos aprenderem a língua dos índios. Outra possibilidade de aprendizado da língua pelo contato se dava através

do casamento de mulheres indígenas com portugueses. Os filhos desses casamentos (mestiços mamelucos) adquiriam o português como segunda língua, permanecendo como primeira língua a língua das mães, isto é, a língua indígena.

A língua portuguesa na América recebeu ainda influências do contato com os negros trazidos como escravos para o Brasil. A Bahia se tornou o principal ponto de chegada de escravos que eram distribuídos para outras regiões do Brasil, dando origem ao chamado tráfico interno praticado pelos senhores donos de escravos.

Segundo Pessoa de Castro (2008), esses cativos que aqui chegavam falavam uma diversidade muito grande de línguas (estimadas entre 200 a 300) e provenientes de duas grandes áreas: *a área oeste africana*; e *a área banto*.

Os negros, na sua convivência diária e nas suas relações de trabalho, contribuíram para a formação da língua portuguesa falada no Brasil, pela atuação da mulher negra inserida na família colonial e pelas relações sociais dos negros ladinos junto aos demais escravos.

#### **4. A transmissão linguística irregular**

A formação sócio-histórica da língua no Brasil é um processo constituído por duas grandes vertentes linguísticas (uma culta e outra popular).

Para Lucchesi (2003), o português brasileiro é não apenas *heterogêneo* e *variável*, mas também *plural* e *polarizado*, sendo o resultado de um processo de transmissão irregular desencadeado pelo contato entre línguas, sendo a ação dos aloglotas adultos determinante para alterar a estrutura morfossintática da língua adquirida.

A polarização linguística do Brasil não é estanque, podendo-se detectar influxos que interligam os dois subsistemas distintos, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX. No polo das camadas populares, ocorreu o contato do português com as línguas indígenas e africanas e os processos de transmissão linguística irregular. Nos três primeiros séculos da história do Brasil, houve processos de mudança crioulizantes. O contato prolongado entre línguas, como já se disse, pode conduzir à formação de uma nova língua que terá como modelo a língua do segmento dominante.

Essa língua surgida desse contato pode ser inicialmente um *pidgin* que pode vir a se tornar um crioulo e, a partir daí, ter desenvolvimento histórico como toda e qualquer língua ou pode durar apenas durante a situação de contato. Na transmissão linguística irregular, existem não apenas a pidginização e crioulização, mas também as situações em que a língua do dominador se impõe, diferentemente da língua transmitida. Foi, provavelmente, dentro desse contexto, que o português brasileiro surgiu: sendo adquirido precariamente, de modo defectivo, com grande erosão gramatical, notadamente no que se refere às desinências verbais.

#### **5. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.**

Com o surgimento da Sociolinguística, na década de 1960, a Linguística passa a fazer questionamentos que relacionam a mudança aos grupos sociais de cada comunidade linguística. A Sociolinguística estuda a língua em sua comunidade de fala e verifica que a mudança faz parte do funcionamento da língua. A teoria estabeleceu pressupostos que foram apresentados em Weinreich, Labov e Herzog (2006).

A Sociolinguística considera, também, como objeto de estudo a fala viva em situação real e observa fatos linguísticos com o objetivo de explicar a variação linguística. Considera a heterogeneidade linguística natural, ordenada e comum às línguas. Segundo Labov (2008), os falantes escolhem suas variantes pela identificação com seu grupo social, faixa etária e sexo/gênero.

A mudança linguística se dá de forma contínua e ininterrupta. Toda mudança resulta de um longo processo histórico e faz a língua de uma época ser diferente em outra época. As mudanças só não vão ocorrer se as línguas deixarem de ser faladas (se seus falantes desaparecerem, por exemplo). O Latim, apesar de não ser mais falado por nenhuma sociedade, continua sendo falado de forma diferente, pelas sociedades que falam as línguas românicas, de origem latina. O fluxo histórico do Latim não foi interrompido, resultando no surgimento de outras línguas faladas por outros povos em novas sociedades.

A mudança se caracteriza por ser lenta e gradual, ela aparece inicialmente como um traço característico de um grupo de falantes e nesse momento não chama a atenção dos demais falantes da comunidade. Ela atinge a língua por partes e nunca de vez, na sua totalidade. As formas variantes, como sabemos, convivem por muito tempo até uma se tornar vitoriosa e fazer a outra ser considerada arcaica.

Segundo Labov, o processo de mudança linguística se dá em três etapas:

“Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social, no seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes”. (LABOV, 2008, p. 152)

A Sociolinguística Variacionista revolucionou o estudo da mudança linguística através do conceito de mudança em progresso, contrariando teorias anteriores que defendiam que a mudança linguística não podia ser estudada durante o processo e, sim, após ter sido efetivada. Ao invés de analisar o resultado do processo através do qual uma forma é substituída por outra, a Sociolinguística analisa o processo de implementação da mudança como um processo de variação entre formas concorrentes, observado em uma sincronia. Os estudos de Labov (2008) comprovaram que é possível identificar a mudança em progresso de uma língua, através da observação das faixas etárias, o que ele definiu como o estudo da mudança em tempo aparente. Essa perspectiva de entender a mudança veio superar a dicotomia saussuriana sincronia/diacronia, para a qual a mudança só poderia ser observada na história da língua, isto é, em sua diacronia. (FARACO, 2005, p. 62).

Ao lado do estudo em *tempo aparente*, Labov (1994) refere-se ao estudo em *tempo real* de curta duração – aquele que analisa a mudança entre duas gerações distintas. O estudo em tempo real pode ser feito pelo estudo de painel, com o recontato dos mesmos informantes em outro período de tempo e pelo estudo de tendência, quando são contactados outros informantes com as mesmas características daqueles estudados anteriormente. O estudo em tempo real é fundamental para se observar se a mudança prevista em tempo aparente se realizou, se ainda está em curso ou se a variação atestada, anteriormente, está estável, evidenciando, apenas, uma gradação geracional.

## 6. METODOLOGIA

A variação da concordância verbal é um dos temas mais discutidos no português brasileiro. Pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que a concordância verbal de número no português falado do Brasil é sistematicamente variável, o que constatamos nesta pesquisa empreendida com os *corpora* PEPP e NURC, visando focalizar a fala de Salvador.

Portanto, tomam-se dados das entrevistas do PEPP realizadas com 48 informantes estratificados em quatro faixas etárias (15 – 24 anos; 25 - 35 anos; 45 - 55 anos e acima de 65 anos), gênero (masculino e feminino), gravados em inquéritos de cerca de 40 minutos de

duração, diálogo entre informante e documentador (DID), em dois graus de escolarização: fundamental (até a quinta-série do ensino fundamental); ensino médio completo. Cada grupo foi constituído por três informantes que apresentam os mesmos requisitos exigidos no Projeto NURC, a fim de permitir melhor comparação entre as amostras.

As ocorrências foram analisadas a partir das variáveis sociais (escolaridade, gênero, faixa etária e mercado linguístico) e variáveis linguísticas que serão aqui observadas. Os dados foram codificados e submetidos à análise do Varbrul.

## 7. ANÁLISE DOS DADOS

Destacamos a análise das variáveis *Realização e Posição do Sujeito, Concordância Nominal no Sujeito e Saliência Fônica*.

### 7.1 - Realização e posição do sujeito

Admitindo-se que a *Realização e a Posição do Sujeito* é uma variável que interfere na aplicação da regra de concordância verbal, serão analisados os dados apresentados na tabela seguinte. A posição do sujeito em relação ao verbo tem se apresentado como uma variável extremamente significativa na aplicação da regra. O sujeito imediatamente à esquerda do verbo tem se mostrado favorecedor da ocorrência de variante explícita, enquanto que a posição à direita e o afastamento do sujeito em relação ao verbo vêm desfavorecendo a aplicação da regra. Trata-se do que Naro (1981) chamou de saliência de posição.

Realização e posição do sujeito	Frequência		P. R.
sujeito imediatamente anteposto ao verbo	939 / 1213	77%	<b>.48</b>
sujeito anteposto com constituintes intervenientes	365 / 493	74%	<b>.49</b>
sujeito retomado por um pronome relativo	278 / 385	72%	<b>.65</b>
sujeito não realizado	711 / 1165	61%	<b>.50</b>
sujeito posposto (imediatamente)	39 / 92	42%	<b>.14</b>
sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)	6 / 20	30%	<b>.11</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2.338 / 3.368</b>	<b>69%</b>	

*Tabela 1 – Concordância verbal e Realização e Posição do Sujeito*  
Significância = .016

Exemplos:

- sujeito imediatamente anteposto ao verbo
  - a) Eles **DIZEM** que estava procurando. (H1F18) – variante explícita.
  - b) Porque as meninas **TINHA** nota, né? (H1C20) – variante zero.
- sujeito anteposto com constituintes intervenientes
  - a) Eles não **PODEM** mudar. (H1C20) – variante explícita.
  - b) Essas brincadeiras já **ACABOU**. (H1F18) – variante zero.
- sujeito retomado por um pronome relativo
  - a) Tem uns que **SÃO** malvados. (H1F18) – variante explícita.
  - b) Todos que **ENTRA**, perde. (H1F18) – variante zero.
- sujeito não realizado
  - a) Meus amigos de infância sumiram, **FORAM** para São Paulo. (H1F18) – variante explícita.

- b) Eles chega, bate um, um amarrado danado, diz que vai bater, chega lá, não **CONSEGUE** dar um murro e já **CAI**. (H1F18) – variante zero.
- sujeito posposto (imediatamente)
    - a) Porque **FALTAM** professores, entende? (H1C20) – variante explícita.
    - b) **MORREU** dois. (H2F40) – variante zero.
  - sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)
    - a) Depois **MORRERAM** mais três. (H4F35) – variante explícita.
    - b) A caligrafia hoje dos meninos está feíssima porque não **EXISTE** mais aqueles cadernos. (H4F06) – variante zero.

Os sujeitos antepostos, independente de estarem, imediatamente, colados ao verbo ou dele separados por um ou mais elementos intervenientes, apresentam o mesmo peso relativo, isto é, (.48). Os sujeitos retomados por um pronome relativo apresentaram a maior probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal (.65), ao lado do sujeito não realizado cujo peso relativo foi (.50). Os sujeitos pospostos imediatamente ou separados por um ou mais constituintes apresentaram pouca probabilidade de fazerem concordância. Esta é a posição que mais desfavorece a concordância com os seguintes pesos relativos: (.14) e (.11), respectivamente.

## 7.2 - Concordância nominal no sujeito

Destacam-se dois tipos de fatores, evidenciados na tabela a seguir: SN com concordância e SN sem concordância. A diferença entre o SN sujeito com concordância foi bastante alta (.63) contra (.35) para o SN sem concordância. As marcas do SN sujeito definem a aplicação da concordância no verbo. Esta variável foi a sétima a ser selecionada na análise estatística dos dados.

Concordância nominal no sujeito	Frequência		P. R.
SN com concordância	1301 / 1713	75%	.63
SN sem concordância	1025 / 1643	62%	.35
<b>TOTAL</b>	<b>2326 / 3356</b>	<b>69%</b>	

*Tabela 2 – Concordância Verbal e Concordância nominal no sujeito  
Significância = .016*

Exemplos:

- SN com concordância
  - a) Meus filhos já **FIZERAM** parte. (M3C07) – variante explícita.
  - b) Meus colegas **ACHOU** que foi exagero meu. (H1F18) – variante zero.
- SN sem concordância
  - a) Os namorador **QUEREM** enganar pai e mãe. (M4F39) – variante explícita.
  - b) Os cara **ROUBA** tudo. (H1F47) – variante zero.

Segundo os dados, quando um falante aplica a regra de concordância nominal dentro do sujeito, há uma probabilidade muito grande de que ele também o faça na forma verbal. Trata-se do efeito coesão estrutural. As marcas aplicadas no sujeito estariam condicionando a ocorrência das marcas de concordância também no verbo. Lucchesi (2000, p. 143) já chama a

atenção para a maior possibilidade de se aplicar a regra de concordância verbal, quando ocorre a concordância nominal dentro do sintagma nominal que constitui o sujeito.

Fez-se o cruzamento da variável *Realização e Posição do Sujeito* com a variável *Concordância no SN sujeito* para verificar sua interação e observar até que ponto a concordância verbal é afetada.

Posição do Sujeito	Concordância no SN		Sem Concordância no SN	
	Frequência	P. R.	Frequência	P. R.
sujeito imediatamente anteposto ao verbo	907 / 1151 78%	<b>.62</b>	25 / 55 45%	<b>.31</b>
sujeito anteposto com constituintes intervenientes	351 / 454 77%	<b>.64</b>	14 / 39 35%	<b>.17</b>
sujeito posposto (imediatamente)	32 / 80 40%	<b>.20</b>	6 / 11 54%	<b>.20</b>
sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)	3 / 17 17%	<b>.09</b>	-	-
Sujeito retomado por pronome relativo	4 / 6 66%	<b>.35</b>	273 / 378 72%	<b>.52</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2323 / 3353</b>		<b>69%</b>	

**Tabela 3 – Concordância Verbal no Cruzamento Posição do sujeito e Concordância no SN sujeito**  
*Significância = .012*

Exemplos:

- sujeito imediatamente anteposto ao verbo
  - a) Eles **ERAM** muito ligados a meus filhos... (M3C08) – variante explícita.
  - b) Mas os verdadeiros, eles **ERGUE** a palavra. (H2F40)– variante zero.
- sujeito anteposto com constituintes intervenientes
  - a) Eles já **VIRAM**, eles já conhece meu ritmo. (H1F42) – variante explícita.
  - b) Os dois, quando não tem ainda aquela, aquele medo, porque é, é aquela inocência da infância, **DEITAVA** e **DORMIA** (H1C48) – variante zero.
- sujeito posposto (imediatamente)
  - a) **FICAM** duas cabeças pensando. (H1F42) – variante explícita.
  - b) E foi um pouco triste, assim porque ele morreu no fim e **MORREU** muitas outras pessoas (H1F44) – variante zero.
- sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)
  - a) **APARECERAM** lá meus sete irmãos. (H3U15N) – variante explícita.
  - b) variante zero – sem ocorrências
- Sujeito retomado por pronome relativo
  - a) Tem pessoas que **DIZEM** assim: se conselho fosse bom, não se dava, vendia. (H2F40) – variante explícita.
  - b) Agora meus outros irmãos que **ERA** retado na bola de gude, né? (H1F42) – variante zero.

Os resultados confirmam a tendência observada na tabela e gráfico da variável concordância nominal no sujeito. O cruzamento entre a posição do sujeito e a concordância no sujeito deixa claras as diferenças entre os fatores da posição do sujeito. Além disso, percebe-se a força do SN sem concordância desfavorecendo a aplicação da regra, com pesos relativos

menos significativos que os pesos para os sujeitos cujos SNs apresentaram concordância. Na sequência, temos o sujeito anteposto imediatamente ao verbo e com elemento interveniente com concordância de (.64). Desfavorece a aplicação da regra qualquer tipo de sujeito posposto (imediatamente após o verbo ou dele separado por algum elemento interveniente) com pesos relativos de (.20) e (.09) para os SNs com concordância. Não houve dados para os SNs sujeitos pospostos separados por algum elemento. Parece que ter ou não ter concordância só importa se o sujeito é anteposto. Os números indicam que os SNs sem concordância desfavorecem bem mais a aplicação da regra de concordância verbal que os SNs com concordância em qualquer posição.

Com o cruzamento feito entre as variáveis *Posição do sujeito* e *Realização de concordância no sujeito*, constata-se que a concordância verbal se realiza quando o SN sujeito também faz a concordância, demonstrando mais uma vez que a coesão estrutural (sujeito no plural tende a favorecer a concordância verbal) foi a motivadora da aplicação da regra de concordância, e não a posição do sujeito, pois, nos casos em que os elementos do SN sujeito não concordavam, houve menos concordância no verbo. Mais uma vez, verifica-se que a variação está condicionada à interrelação entre duas ou mais variáveis analisadas.

### 7.3 – Saliência Fônica

Naro & Scherre (2000) desenvolveram estudo em que, observando o efeito da saliência fônica, compararam o português brasileiro com o português europeu, concentrando-se na fala carioca (letrada e iletrada) e no português de textos medievais, e concluíram que estes se aproximam quanto à variação da concordância verbal. O português do Xingu, estudado por Emmerich (1984), apresenta a utilização desse princípio, assim como Lucchesi (2000), que o aplica no estudo da concordância de gênero, em Helvécia. Naro (1981), Guy (1981), Rodrigues (1987) também aplicaram o princípio da saliência fônica na concordância verbal.

O princípio da saliência fônica foi estendido também para a concordância que também analisou a aplicação da regra com base no material fônico existente entre as formas de singular e de plural. As formas mais salientes são mais perceptivas e por isso têm mais probabilidade de serem marcadas. Assim, a tabela seguinte apresenta pesos relativos crescentes de acordo com a saliência verbal. Há nas saliências 1 e 2 uma ligeira aproximação, com a saliência 1 com pouca vantagem sobre a saliência 2 (.41) e (.38), respectivamente. Observamos a gradação crescente dos pesos relativos e suas saliências, na seguinte ordem: (.42), (.47), (.74) e (.76), para as saliências 3, 4, 5 e 6, respectivamente.

Os resultados podem ser visualizados na tabela 6:

Saliência Fônica	Frequência	P. R.
come / comem	216 / 339 = 63%	.41
fala / falam	1072 / 1655 = 64%	.38
faz / fazem	85 / 139 = 61%	.42
dá / dão	269 / 380 = 70%	.47
sumiu / sumiram	40 / 59 = 67%	.74
deu / deram; resolveu; resolveram; é / são; fez / fizeram; falou / falaram	656 / 796 = 82%	.76
<b>TOTAL</b>	<b>2338 / 3368</b>	<b>69%</b>

**Tabela 6 – Concordância Verbal e Saliência fônica**  
Significância = .016

Exemplos:

- come / comem
  - a) Eles **OMITEM**. (H2F40) – variante explícita.
  - b) Eles já viram, eles já **CONHECE** meu ritmo. (H1F42) – variante zero.
  
- fala / falam
  - a) Eles já **VIRAM**. (H1F42) – variante explícita.
  - b) Eles **TROCA** e a gente vai pro show. (H1F18) – variante zero.
  
- faz / fazem
  - a) Tem pessoas que **DIZEM** assim: se conselho fosse bom, não se dava, vendia. (H2F40) – variante explícita.
  - b) Os mais jovens que tem treze, catorze anos, acha que é homem demais e já **QUER** bater nos mais velhos. (H1F18) – variante zero.
  
- dá / dão
  - a) Short, shortinho, as meninas **VÃO**, qualquer tênis, sapato. (H1C04) – variante explícita.
  - b) E aí já **VAI** pra procurar briga com os outros. (H1F18) – variante zero.
  
- Sumiu / sumiram
  - a) Algumas pessoas que foram, não **CONSEGUIRAM** não. (M1F05) – variante explícita.
  - b) As pessoas que estava com um pano cheirando, quando **VIU** os policiais. (H2F40) – variante zero.
  
- deu / deram; resolveu; resolveram; é / são; fez / fizeram; falou / falaram
  - a) Eles aí me **FALARAM** que, quem foi que roubou. (H1F47) – variante explícita.
  - b) Meus colegas **ACHOU** que foi exagero meu. (H1F18) – variante zero.

Cruzando-se saliência e escolaridade, podem ser observadas as diferenças entre os grupos de escolaridade, no que diz respeito ao efeito da saliência, isto é, se a percepção da distintividade fônica está relacionada à escolaridade do informante e que tipo de escolaridade favorece mais ou desfavorece o uso das marcas explícitas de terceira pessoa do plural.

Saliência fônica	Fundamental		Média		Superior	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
come / comem	51 / 110 46%	<b>.22</b>	57 / 107 53%	<b>.28</b>	108 / 122 88%	<b>.78</b>
fala / falam	208 / 495 41%	<b>.18</b>	365 / 612 59%	<b>.28</b>	499 / 547 91%	<b>.75</b>
faz / fazem	20 / 53 37%	<b>.14</b>	38 / 57 66%	<b>.46</b>	27 / 29 93%	<b>.75</b>
dá / dão	75 / 128 58%	<b>.25</b>	90 / 138 65%	<b>.38</b>	104 / 114 91%	<b>.74</b>
sumiu / sumiram	13 / 26 50%	<b>.45</b>	14 / 20 70%	<b>.59</b>	- -	- -
deu / deram; resolveu; é / são	151 / 237 63%	<b>.49</b>	220 / 266 82%	<b>.66</b>	285 / 293 97%	<b>.92</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2338 / 3368</b>					<b>69%</b>

**Tabela 7 – Concordância Verbal no Cruzamento Saliência Fônica e Escolaridade**  
Significância = .017

Os resultados obtidos para a saliência fônica comprovam a hipótese de que quanto maior for a diferença entre as formas de singular e plural do ponto de vista fônico, maior será a probabilidade de se aplicar a regra de concordância verbal. Há, contudo, alguns casos que parecem destoar deste princípio: trata-se do primeiro nível de saliência em relação ao segundo nível e terceiro nível, entre os falantes do nível fundamental; e com os falantes do nível médio há uma alternância nos dois primeiros níveis, o que pode ser explicado pela pouca diferença entre os níveis em destaque. O efeito da Saliência Fônica funciona em todos os níveis de escolaridade, sendo mais forte nos níveis de escolaridade baixa.

O que determina a concordância: o tempo verbal ou a saliência fônica? Neste trabalho, a saliência mostrou-se mais produtiva que o tempo verbal.

<b>Tempo verbal e Saliência</b>	<b>Frequência</b>		<b>P. R.</b>
Presente do indicativo x Saliência 1	161 / 271	59%	<b>.41</b>
Presente do indicativo x Saliência 2	400 / 635	62%	<b>.38</b>
Presente do indicativo x Saliência 3	78 / 122	63%	<b>.43</b>
Presente do indicativo x Saliência 4	269 / 377	71%	<b>.49</b>
Presente do indicativo x Saliência 6	342 / 385	88%	<b>.76</b>
Pretérito imperf. do ind. x Saliência 2	613 / 941	65%	<b>.41</b>
Pretérito perfeito x Saliência 5	39 / 58	67%	<b>.62</b>
Pretérito perfeito x Saliência 6	311 / 408	76%	<b>.66</b>
Futuro do pretérito x Saliência 2	20 / 25	80%	<b>.78</b>
Presente do subjuntivo x Saliência 1	25 / 28	89%	<b>.68</b>
Presente do subjuntivo x Saliência 2	36 / 49	71%	<b>.39</b>
Pret. Imperf. do subjuntivo x Saliência 1	29 / 36	80%	<b>.58</b>
Futuro do subjuntivo x Saliência 3	7 / 17	41%	<b>.21</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2331 / 3356</b>		<b>69%</b>

**Tabela 9 – Concordância Verbal no Cruzamento Tempo Verbal e Saliência Fônica**  
**Significância = .000**

O presente do indicativo não apresenta dados para a saliência 5, determinante de formas verbais no pretérito perfeito e os pesos relativos vão gradativamente aumentando de acordo com a saliência das formas verbais, atingindo (**.80**) a saliência 6 (é/são). Na sequência, pode-se observar que cada tempo verbal aumenta a probabilidade de fazer a concordância com seu sujeito à medida que também aumenta a sua saliência. Os dados evidenciam que o tempo verbal é suplantado pela saliência fônica que é mais favorecedora da aplicação da regra de concordância sujeito verbo.

## **5.2- Resultados das análises**

A análise dos dados coletados nos levou às seguintes conclusões quanto às variáveis linguísticas:

1. A primeira variável linguística observada, *Realização e posição do sujeito*, comprova que o sujeito quanto mais próximo estiver do verbo, trará mais chances para o falante fazer a concordância verbal, exceto nos casos de sujeito posposto em que há inibição da aplicação da concordância.
2. A concordância nominal no sujeito é amplamente favorecedora da aplicação de marcas de plural no verbo, o que se justifica pelo princípio da coesão estrutural, que condiciona a ocorrência de marcas explícitas de plural no verbo se estas também

estiverem presentes no sujeito. Desse modo, podem-se condicionar as marcas presentes no sintagma nominal sujeito como probabilidade de também ocorrerem marcas flexionais no sintagma verbal da mesma oração.

3. A saliência fônica foi uma das variáveis mais determinantes na aplicação da concordância verbal. Em todas as rodadas de análises, esta variável foi selecionada, mostrando que as formas verbais mais salientes têm mais probabilidade de fazerem a concordância que as menos salientes.

O português brasileiro passa por várias tendências de mudança com relação ao fenômeno da concordância verbal como atesta Lucchesi (2006, p. 105), a partir de estudos realizados em diversas variedades do PB: culta, semiculta, popular rural e rural afrodescendente. A essa realidade somam-se os dados da presente pesquisa, que reforçam as afirmações concernentes à concordância verbal. Nos dados do PEPP, os informantes mais velhos (Faixa etária IV/acima de 65 anos) mostram-se mais conservadores: 82% aplicam a regra de concordância verbal contra a população adulta (Faixa etária III/45 a 55 anos) que figura com 73%. Os informantes adultos (Faixa etária II/25 a 35 anos) fazem 73% de concordância e os mais jovens (Faixa etária I/15 a 24 anos) apresentam 50% de concordância, sinalizando para a perda das desinências verbais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui apresentada estudou a variação da concordância verbal em dados coletados do Projeto NURC e do PEPP, através de três variáveis linguísticas.

Os processos de variação e mudança por que passa o português brasileiro apontam um panorama sociolinguístico do Brasil de grande complexidade. O estudo da concordância verbal no português popular brasileiro evidencia um quadro social em que a população de maior poder aquisitivo possui um elevado grau de escolaridade em oposição à população menos privilegiada que apresenta uma fala marcada pela ausência de flexões gramaticais, principalmente aquelas que marcam a concordância do verbo com o sujeito.

A presente pesquisa comprova a existência de duas normas linguísticas que seguem trajetórias opostas. Há contextos que propiciam maior aplicação da regra de concordância verbal e há outros que desfavorecem a aplicação dessa regra, sobretudo quando se trata da variável faixa etária. Os falantes mais jovens, mais inovadores, fazem pouca concordância e os mais velhos, mais conservadores, fazem muita concordância, demonstrando um quadro de variação estável no português popular de Salvador.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Línguas européias de ultramar: o português do Brasil*. In: Dispersos, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações, 1972, p.71-87.

COELHO, F. Adolfo. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In: *Estudos lingüísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.

ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística no Brasil: condicionantes geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda, 1979.

EMMERICH, Charlotte *A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função*. Tese de Doutorado em Lingüística e Filologia apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. Dissertation on Linguistics. Mimeo.

LABOV, William. *Building and Empirical foundations*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

LABOV, William. *Principles of linguistic Change*. Crambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos* (Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline R. Cardoso). Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

LEMLE, M. & NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras MOBREAL e Fundação FORD. Rio de Janeiro. 1977.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Variantes Nacionais do Português: sobre a questão da definição do português do Brasil. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. 12, p. 9-16. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994.

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 364 f.. Mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística, 2000.

LUCCHESI, Dante. *O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil*. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (Orgs). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. In: *Revista da ABRALIN*, vol.5, 1e 2, p.83-112, dez. 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões, *Boletim da ABRALIN*, 17, 1995.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*, 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntatic change, *Language*, n.57, p.63-98, 1981.

NARO, Anthony & SCHERRE, Marta Maria Pereira. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, vol.9, n. especial, 1993, p. 437-454.

NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Marta Maria Pereira. Variable concord in portuguese: The situation in Brasil and Portugal. In: Mc WHORTER, John (ed.) *Language change and language contact in pidgins and creoles*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.

NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Marta Maria Pereira. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.) *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro:7 Letras, 2003.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A participação das línguas africanas na construção do português do Brasil*. In: Kilombo no. 4, Université Omar Bongo. Libreville, janvier 2008, p.61-68.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RODRIGUES, Ângela Maria de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, S. P. Tese de Doutorado, 1987.

RODRIGUES, Aryon. *A originalidade das línguas indígenas*. Conferência feita na inauguração do Laboratório de línguas indígenas do Instituto de Letras da UNB, em 8 de julho de 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. A concordância de sujeito no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da. (Org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa, Idéia, 1997. p..93-114.

SILVA NETO, Serafim. *História da Língua Portuguesa*. 5. ed. Presença: Rio de Janeiro, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Série III – vol. 3, 1960, p.257-261.

WEINREICH, LABOV, HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.